

Consulta pública «Escolas para o Século XXI»

Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.
Wittgenstein

Atendendo às linhas vectoriais do documento de trabalho da Comissão Europeia «Escolas para o Século XXI», os docentes que integram o grupo de estudo *Investigação e Ensino da Língua Portuguesa* – medida 7 do Plano Estratégico para o Ensino do Português, da Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, do Ministério da Educação de Portugal, expressam no modelo de escolas do século XXI a seguir traçado a sua resposta à consulta pública organizada pela Comissão Europeia «Educação e Formação».

CONSIDERANDOS

Considerando que é urgente uma política educativa em prol de uma cidadania activa e interveniente que passa necessariamente pela educação e, dentro dos sistemas formais, pela escola,

Considerando que a escola é o lugar de excelência para uma educação integradora e potenciadora dos capitais humanos num processo de aprendizagem significativa e pertinente, num quadro de pluralismo pedagógico, onde a aprendizagem, é concebida como algo que o aluno faz, e não como algo que é feito para o aluno, de acordo com a proposta de Fosnot (1995: 25),

Considerando os desafios actuais colocados à escola pela sociedade do conhecimento, global e globalizada, de elevado nível de complexidade, exigência e competitividade,

Considerando a relevância dada na actualidade ao conceito de escola como instituição promotora e antecipadora da mudança social¹, com função de criação, transformação e integração cultural e pessoal, valorizando as diferenças e aceitando a diversidade,

Considerando toda a investigação científica produzida nas últimas décadas tendente à valorização do modelo de planificação colaborativa, assente no entendimento do currículo como resultado da combinatória das experiências da aprendizagem formal e informal que ocorrem na escola, de que se destacam modelos participativos que permitem a revalorização profissional, em ordem ao desenvolvimento das competências de gestão curricular especializadas e conseqüentemente da autonomia efectiva,

Considerando a matriz histórica e filosófica da cultura ocidental e a força da palavra e do discurso² na construção da identidade individual e colectiva, na organização de comunidades e sociedades por via das relações interpessoais, na construção do pensamento e da ciência, na modelização do mundo,

¹ O conceito de escola como instituição antecipadora da mudança social é utilizado a partir do pensamento de A. Petitat, verbalizado em *Production de l'école, production de la société*, Genève, Droz, 1982.

² O sintagma «o poder da palavra e a força do discurso» sintetiza a investigação linguística desenvolvida do linguista Joaquim Fonseca, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no quadro da sociolinguística, da pragmática, da análise do discurso e da semântica, constituindo o título de um texto central na sua produção: «A força da palavra /o poder do discurso».

Considerando que «*Na sua linguagem, com a sua linguagem, um homem pensa o mundo e pensa-se a si, confessa os seus afectos e emoções, manifesta a sua vontade, narra eventos históricos, argumenta, constrói teorias, julga, sonha e reza...* Como sabe qualquer aprendiz de semiótica (sobretudo se tiver lido Hjelmslev...), a linguagem verbal é o mais potente, complexo e refinado sistema semiótico de que o homem dispõe – uma linguagem com capacidade omniformativa, susceptível de se volver em metalinguagem, sem a mediação da qual não é possível construir linguagens artificiais, fundamento insubstituível de qualquer comunidade humana. Fenómeno universal, ela identifica, porém, um povo ou uma nação, como *língua histórica*; ela particulariza uma região, como *dialecto*; ela caracteriza um grupo social, enquanto *sociolecto*; ela, sendo uma instituição, transindividual na sua constituição e no seu funcionamento, é a marca de uma personalidade, enquanto *idiolecto*.»³

Impõe-se uma reflexão longa sobre a equação sociedade – educação – indivíduo, cujos resultados permitam abrir vias possíveis para responder, de modo plural, flexível e adequado, às verdadeiras necessidades educativas e formativas dos jovens de hoje considerados os cidadãos plenos, em exercício autónomo, responsável, actuante, das sociedades do futuro.

PROPOSTA PARA UMA NOVA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Finalidade educativa

Educar o jovem, criança ou adolescente, para o exercício da cidadania plena.

Pressuposto

O indivíduo assume-se, na sociedade, como cidadão quando

- Lê a realidade com olhar crítico, capaz de diagnosticar zonas problemáticas, identificando situações D-I (desigualdade, desemprego, discriminação, depressão, desconhecimento, doença, distúrbio, injustiça, indiferença, intolerância, ignorância, incapacidade, inactividade, inércia, entre outras), isto é, capaz de recortar, com discernimento, na massa densa da realidade um foco de *crise*⁴ - [FASE 1]
- Delimita racionalmente o foco de crise, verbalizando-o e equacionando as variáveis do problema – [FASE 2]
- Activa percursos de resolução, levantando hipóteses, testando possibilidades, apoiado no conhecimento (saberes de diferentes áreas), nas competências interaccionais, sociais, cognitivas, assumindo a construção de um projecto de mudança da realidade - [FASE 3]
- Dá a conhecer, partilha, confronta os percursos experimentados, as convicções firmadas, o conhecimento construído aos outros elementos da sociedade, contribuindo na sua medida para a construção da comunidade a que pertence (local, regional, nacional, internacional, mundial) e para a cultura do Homem - [FASE 4]

³ Vítor Manuel de Aguiar e Silva, «Língua materna e sucesso educativo» – comunicação apresentada no *Encontro sobre a Promoção do Sucesso Educativo*, organizado pela Comissão de Reforma do Sistema Educativo, em colaboração com a Universidade do Minho, Braga, Portugal, em 5 e 6 de Fevereiro de 1987, publicada na revista *Diacrítica* números 3 e 4, da Universidade do Minho, em 1988-1989, pp. 17 – 24.

⁴ Este termo é utilizado a partir da sua matriz latina, «*Krísis*», «acto ou faculdade de discernir; acto de escolher, escolha, eleição, acto de separar, acto de decidir, acto de julgamento para decisão, solução ou resolução».

Questões em equação

- 1 – *Como pode a escola ensinar a ler a realidade com olhar crítico?*
- 2 – *Como pode a escola ensinar a equacionar verbalmente o problema sentido/vivido pelo indivíduo, na sua dimensão de ser inscrito num quadro de vida formatado por uma inscrição espacial e temporal condicionada por variáveis circunstanciais específicas?*
- 3 – *Como pode a escola ensinar a busca perseverante das respostas possíveis para a superação do problema e a selecção da resposta mais adequada ao tempo próprio vivido?*
- 4 – *Como pode a escola ensinar o confronto público democrático das respostas construídas pelo aluno em interacção com o(s) Outro(s) centrados no mesmo problema para decisões colectivas alargadas de mudança da realidade focada?*

Respostas

- 1 – A escola tem responsabilidades na formação do olhar crítico. A instituição escolar é o lugar de excelência para o desenvolvimento da competência de ler a realidade, através de treino da capacidade de escuta e de observação críticas. Tal desígnio assenta no desenvolvimento da observação atenta da realidade circundante por via da estimulação do pensamento e da reflexão.
- 2 – A escola tem responsabilidades na acção de dar a conhecer os modos de representação do (s) problema (s) que os homens e as mulheres deixam como legado à Humanidade para que o aluno aprenda com os outros e se integre como ser activo (que estuda, que trabalha, que opera) na grande construção humana do saber. Esta componente passa pela análise dos modos maiores de representação do (s) problema (s) do Homem e do indivíduo como objecto de reflexão e conhecimento. Assumem relevância:
 - O discurso artístico verbal e não verbal (a literatura implica uma escrita que coloca em equação universais humanos como a solidão, a injustiça, o amor, a relação imanente/transcendente, entre outros);
 - O discurso da ciência e do conhecimento na dupla vertente da produção e da divulgação científica (modos discursivos como o ensaio, o artigo científico, o documentário, o relatório, a dissertação);
 - O discurso da opinião digital e impresso (televisão, blogues, jornais em modos como crónica, editorial, texto de opinião, comentário).
- 3 – A escola tem responsabilidades na acção de equipar o aluno com as ferramentas (os tipos e as funções) e os métodos teóricos, isto é, conceitos e modos de aplicação, oriundos de cada uma das grandes áreas de conhecimento, para que ele possa responder de modo adequado ao problema que constitui o seu projecto (projecto de vida, projecto escolar). Estas ferramentas e estes métodos que são de natureza transversal (exemplo, raciocínio lógico, cálculo inferencial) e de natureza específica, vinculados a cada domínio do conhecimento de modo particular (conceitos e operações matemáticos, conceitos e métodos filosóficos, conceitos e métodos das ciências sociais e humanas, entre outros) implicam estudo metódico.
- 4 – A escola tem responsabilidades na estimulação da acção de "pôr em comum" o conhecimento construído pelo aluno, em situações discursivas públicas orais, como o fórum, a exposição e o debate, e em situações discursivas públicas escritas, como a crítica, o ensaio, a proposta política, a intervenção jornalística, entre outras.

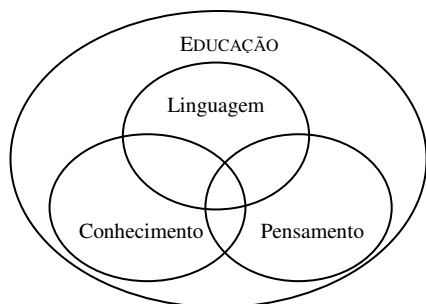
Eixo central da organização escolar

Como define a escola o plano da realidade significativo para o processo de aprendizagem?

A decisão da área-problema a investigar numa determinada instituição de ensino será da responsabilidade do conselho de docentes da escola juntamente com os parceiros políticos e sociais locais com expressão no projecto educativo da escola.

CONCEPTUALIZAÇÃO GLOBAL

Premissa



Organização

CONSELHO DE DOCENTES DA ESCOLA + PARCEIROS			
1	2	3	4
Formação do olhar crítico	Formalização do problema	Percursos experimentais de resposta (projectos)	Confrontação oral e escrita - Fórum
A inquietação do indivíduo no seu tempo e no seu espaço – ensinar e aprender a ver e a questionar	A transição da inquietação à racionalização: verbalização do problema	Os métodos e os conceitos operatórios para o projecto de resolução/compreensão	O debate do conhecimento construído pelos alunos
Professores com formação filosófica ou que mantenham uma atitude problematizadora	Professores com formação nas ciências sociais e humanas	Professores das disciplinas curriculares específicas de cada área de conhecimento (português, matemática, biologia e geologia, ciências físico-químicas, por exemplo)	Professores com formação em português (o discurso retórico, o discurso público, o debate de ideias em fórum).
Duas primeiras semanas de Setembro – período anterior ao início do actual ano lectivo	Outubro – Maio – genericamente o actual período lectivo		Junho

LÍNGUA COMO CONHECIMENTO, COMO COMUNICAÇÃO, COMO ESTESIA

Vilela e Escola Secundária, 15 de Outubro de 2007

Ana Paula Matos	Emília Azevedo	Margarida Moura	Susana Nunes	Júlia Cordas
João José Silva	Isabel Sá Pereira	Graciete Moutinho	Teresa Vasconcelos	Margarida Mouta
Júlio G. Almeida	Rosa Maria Amaral	Margarida Andrade	Conceição M. Neto	Lígia Moreira
Joaquim C. Viana	Beatriz Madureira	Olga Brochado	António Leal	Filomena Fardilha
Manuel A. Esteves	Sónia Lopes	Ana Martins	Purificação Silvano	Idalina Ferreira
Sónia V. Rodrigues				